

Ensaio de liberdade: e/imigração italiana e comportamentos femininos

SYRLÉA MARQUES PEREIRA*



Casa do Sobrado. Família Consani.
Passa Quatro - MG, [1915]. (Caixinha
de lembranças da autora)¹

O Sobrado localizava-se na principal rua da cidade, bem em frente à igreja e à praça. Estava dividido em dois pavimentos: a parte de cima, que possuía duas salas amplas, uma de jantar e outra de estar; dois quartos, um sendo do casal e o outro dos filhos, e um banheiro. Na parte de baixo, ficava o armazém, onde as crianças não podiam entrar. A ligação do andar de baixo com a parte de cima era feita por uma escada, que ficava na lateral esquerda do sobrado, onde havia uma porta de madeira pesada e, bem ao seu lado, um sino, para o visitante comunicar a sua presença no local.²

“Uma imagem vale mais de mil palavras?” Observando as epígrafes acima – a fotografia e o depoimento oral – percebemos que ambas menos se antagonizam ou se subordinam hierarquicamente do que se complementam no “fazer” histórico. Isto porque imagem e narrativa são, sobretudo, suportes impregnados de indícios e marcas de uma outra época, de um outro tempo que não volta mais, fragmentos de momentos

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, pós-doutoranda em História pela Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ. Este artigo é um desdobramento de minha tese de doutorado, *Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, em 2008, sob a orientação da Prof^a Angela de Castro Gomes e do Prof. Angelo Trento, da Università degli Studi di Napoli – L’Orientale, Nápoles, Itália.

¹ Denomino caixinha de lembranças as coleções particulares cujos artefatos viabilizam a construção da memória familiar. Desenvolvi a noção a partir do conceito de lugar de memória de Pierre Nora. Cf.: NORA, P. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Proj. História*. São Paulo: n. 10, p. 7-28, 1993.

² PEREIRA, Syldéa Marques. Depoimento, Volta Redonda, 1998, não registrado. A depoente é bisneta de João Consani e Teodora Pellegrini.

vivididos e selecionados pelos indivíduos para o futuro. Nesse sentido, possuem valor como *documentos* e *monumentos*. Foi Jacques Le Goff (1994: 535-547), em seu texto *Documento/Monumento*, que propôs esse olhar sobre os vestígios do passado, as fontes, matéria-prima dos historiadores. De acordo com o autor, a memória coletiva e sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os *documentos*, que podem se apresentar sob a forma de escolha do historiador, e os *monumentos*, que podem se manifestar como herança do passado.

Sendo assim, respondendo à pergunta inicial, uma imagem só terá valor se vier acompanhada de mil palavras, pois é necessário considerar que as imagens são partes constitutivas de uma mensagem mais complexa, feita *também* de palavras (ORTOLEVA, 1991: 124).³

Foi pautada em tais premissas que à medida que ambas as fontes apontaram o deslocamento de um grupo de famílias da Itália para o Brasil, durante o período que passou a ser reconhecido pela historiografia como o da “grande migração” italiana, ocorrida entre os anos 1870 e 1920, os indícios e as pistas passaram a ser seguidos.

Para analisar o fenômeno migratório as mulheres foram convocadas – na qualidade de esposas, de filhas ou mães –, essas protagonistas ativas, mas pouco consideradas na historiografia que trata dos fluxos migratórios, que muito frequentemente são descritos como uma experiência eminentemente masculina, conferindo “invisibilidade” às mulheres. Quando incluídas, freqüentemente foram consideradas presenças silenciosas e passivas (BIANCHI, 2001: 257).⁴ O ponto de partida para dar voz às mulheres durante a “grande migração” italiana foi a realização

³ Importante salientar que há questões teóricas e metodológicas que não devem ser negligenciadas pelos historiadores e cientistas sociais que se utilizam de fontes visuais. Cf. KOSSOY, B. *Fotografia e história*. São Paulo: Editora Ática, 1989; LEITE, M. M. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. São Paulo: EDUSP, 1993; MAUAD A. M. *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX, Niterói, UFF, ICHF, tese de doutorado, dez. 1990, mimeog.*; _____. “Através da imagem: possibilidades teórico-metodológicas para a análise de fotografias como fonte histórica”. In: SEMINÁRIO PEDAGOGIA DA IMAGEM, IMAGEM DA PEDAGOGIA. *Anais ...* Niterói, 1995a. p. 21-31.; _____. A. M. “Através da Imagem: fotografia e história - interfaces”. *Tempo*, vol. 1, nº 2, Rio de Janeiro, 1996, p. 73-98.

⁴ Sobre a participação feminina na grande migração italiana ver ao menos: CORTI, P. “Donne che vanno, donne che restano. Emigrazione e comportamenti femminili”. *Annali Cervi*, 12, p. 213-235, 1990; _____. CORTI, P. *L'emigrazione*. Roma: Editori Riuniti, 1999; PASSERINI, L. “Storia delle donne, storia di genere: contributi di método e problemi aperti”. *Annali Cervi*, 12, p. 9-22, 1990; DADÀ, A. *L'emigrazione in Toscana: il ruolo di donne e bambini*. Montefegatesi: Ed. FILEF, 1994b. p. 1-13; _____. NANNINI, N. A. *Verso altri mondi. Donne e uomini migranti*. Pisa: Pacinieditore, 2004b, 143 p.

de entrevistas com mulheres descendentes dos antigos imigrantes no Brasil e na Itália, quando puderam narrar as histórias que ouviram e que lhes foram contadas.⁵

Farejando rastros: uma trajetória familiar

A primeira pista seguida foi a do nome do proprietário da Casa do Sobrado, gravado em letras garrafais nas paredes do edifício: João Consani. João, na verdade, nasceu Giovanni, e seu sobrenome – Consani – revelou sua origem estrangeira, no instante mesmo que forneceu as coordenadas que nos conduziram do Brasil à Itália, de modo análogo aos invisíveis itinerários que guiam os navios para que cruzem mares e oceanos: levou-nos à aldeia de Oneta, localizada na província de Lucca, na região da Toscana. No referido povoado “encontramos” membros de um grupo de famílias com os quais os Consani possuíam laços de consanguinidade e de amizade. Na década de 1870, alguns desses indivíduos decidiram deixar Oneta e se transferir para a então freguesia de N^a. S^a. do Amparo, pertencente ao estado do Rio de Janeiro. Posteriormente, no início do Novecentos, a família foi se fixar no município mineiro de Passa Quatro.

Na realidade, tal como Giovanni Consani, muitos imigrantes tiveram seus nomes, e até sobrenomes, aporuguesados ou mesmo receberam apelidos, como, por exemplo: Pietro, que virou Pedro; Giuseppe, que passou a ser José, mas também Beppe; e Sofonisba, que passou a ser Niba. Mudanças compreensíveis se levarmos em conta que os imigrantes, ao se sentirem divididos entre dois mundos e se verem circundados por uma realidade diferente em todos os aspectos, buscaram maneiras de se inserirem e continuarem a vida no novo mundo. Diante de inúmeras dificuldades concretas, além daquelas subjetivas, muitas foram as mudanças, fossem elas relacionadas ao idioma, aos hábitos, ao jeito de vestir, à moradia, à alimentação, entre tantas outras. Aliás, essa dupla designação é bastante significativa, pois revela o quanto os imigrantes transitavam entre dois mundos (PEREIRA, 2008: 146-147).

⁵ Entrevistei sete mulheres brasileiras da família Pellegrini-Consani no Brasil, como também 12 pessoas em Oneta, cujos antepassados foram imigrantes no Brasil, no final do Oitocentos e início do Novecentos. Todas as entrevistas foram registradas mecanicamente e doadas ao Laboratório de História Oral e Iconografia – LABHOI – da Universidade Federal Fluminense – UFF. As entrevistas realizadas na Itália foram incorporadas ao presente artigo já traduzidas por mim. Vale informar que as vozes masculinas também foram ouvidas. As histórias narradas pelos homens foram analisadas, permitindo examinar as experiências femininas e masculinas simultaneamente, até porque, há que se ter sempre em mente que o feminino e o masculino são categorias construídas socialmente e que se definem uma em relação à outra e não isoladamente; e o estudo de um envolve necessariamente o estudo do outro.

O outro rastro perseguido foi a própria Casa do Sobrado. Um edifício que abrigou simultaneamente o armazém de secos e molhados e a residência da família naquela cidade. Assim, foi possível identificar a atividade econômica com a qual a família italiana garantiu a própria sobrevivência em terras brasileiras: o comércio. Como também descobrir o direcionamento do grupo: eles se instalaram em centros urbanos, inicialmente em uma localidade no Rio de Janeiro e posteriormente em Minas Gerais. Portanto, uma imigração peninsular que possuiu características muito próprias e peculiares, considerando que os indivíduos não se fixaram em áreas rurais e tampouco trabalharam em ofícios ligados ao cultivo de terras, como ocorreu com imigrantes italianos que se instalaram especialmente em São Paulo e em estados do Sul do Brasil.

É importante ressaltar que somente nas últimas décadas a atenção dos estudiosos se voltou especificamente para tais temas em ambos os lados do Atlântico. As pesquisas nos revelaram que no período compreendido entre 1878 e 1902, do Centro da Itália, vieram famílias camponesas e de artesãos, a grande maioria da região da Toscana. Esses toscanos fixaram-se em São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e em Minas Gerais, e, sobretudo, muitos preferiram as atividades ligadas ao comércio (TRENTO, 1989: 39; ALVIM, 2001: 286; PEREIRA, 2003). Sem contar que o município de Borgo a Mozzano, ao qual pertencia Oneta, já registrava partidas direcionadas para cidades brasileiras localizadas nas então províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, entre 1866 e 1869 (BRIGANTI, 1995: 273).⁶

A mencionada conjugação de residência e negócio familiar, estabelecida em um mesmo imóvel, mesclando o espaço cotidiano da vida privada familiar à atividade econômica, no Brasil realmente veio a se constituir em uma característica das famílias imigrantes proprietárias de casas de comércio. Geralmente o armazém funcionava no andar térreo e a família habitava o andar superior. Assim também procederam

⁶ Sobre imigração toscana no Brasil cf.: BRIGANTI, L. “La Lucchesia e il Brasile: storia di emigranti, agenti e autorità”. *Documenti e Studi: semestrale dell’Istituto Storico della Resistenza e dell’Età Contemporanea in provincia di Lucca*, Lucca, n. 14-15, p. 161-220, 1993; _____. “Alcuni cenni sull’emigrazione da Corsagna all’estero tra ‘800 e ‘900”. In: MISERICORDIA DI CORSAGNA. Corsagna, Corsagna. Borgo a Mozzano: Edizioni della Casa Famiglia, 1996. p. 67-92 _____. “L’evoluzione del fenomeno migratorio nella Media Valle Lucchese’ dall’Ottocento al Novecento”. In: FORNASIN, A.; ZANNINI, A. (a cura di). *Uomini e comunità delle montagne: paradigmi specificità del popolamento dello spazio montano (secoli XVI-XX)*. Fórum: Udine, 2002. p. 159-182; DADÀ, A. “Emigrazione e storiografia: primi risultati di una ricerca sulla Toscana”. *Italia contemporanea*, n. 192, p. 487-502, set. 1993a.; _____. “Introduzione ai saggi sull’emigrazione”. *Documenti e Studi: semestrale dell’Istituto Storico della Resistenza e dell’Età Contemporanea in Provincia di Lucca*. Lucca, n. 14-15, p.149-159, 1993b.

imigrantes alemães que se fixaram em áreas urbanas no sul do Brasil, ao instalarem suas oficinas e fábricas nos mesmos locais de moradia, exatamente como funcionavam as unidades produtoras domésticas européias antes da Revolução Industrial (ALENCASTRO; RENAUX, 1997: 321).

Entretanto, tal arranjo impunha um conjunto de normas e regras a cada membro dos Consani e àqueles com os quais se inter-relacionavam, conforme narrou a depoente: “Na parte de baixo, ficava o armazém, onde as crianças não podiam entrar” e “a ligação do andar de baixo com a parte de cima era feita por uma escada, (...) onde havia uma porta de madeira pesada (...) (e) um sino, para o visitante comunicar a sua presença no local”.

E o que a narrativa mostrou, a fotografia tratou de corroborar: eis o próprio João Consani, retratado sozinho bem no centro da foto, em pé na soleira de uma das portas de entrada do armazém, com o paletó aberto, com as mãos nos bolsos, em uma pose aparentemente descontraída. No lado esquerdo da imagem, na última porta, dois homens se prepararam para o fotógrafo e, do lado direito, podemos ver dois transeuntes caminhando tranquilamente. Nesse primeiro nível da fotografia, onde aparecem o local de trabalho, o confinamento com a rua e pessoas estranhas à família, somente homens foram retratados.

Porém, desviando o olhar do *punctum* da imagem, conforme nos falou Roland Barthes (1984),⁷ notamos que no andar superior do edifício, em duas das oito janelas da Casa do Sobrado, há três mulheres apoiadas nos parapeitos, entre elas uma menina. Nesse segundo nível da imagem, que corresponde ao espaço da residência da família, constata-se que apenas mulheres e crianças foram fotografadas.

Compreendendo a fotografia como mensagem que chega ao presente, cabendo ao historiador desvendar a trama de signos que a compõe, o que significa desconfiar da “naturalidade” aparente da comunicação das fotografias (ORTOLEVA, 1991: 124), a informação transmitida pela foto da Casa do Sobrado é clara: havia um lugar reservado às mulheres e às crianças – o espaço da casa da família – e outro para os homens – o local do negócio.

⁷ Para Barthes, algumas fotografias pertencem à ordem do *to love*, possuem um *punctum*, isto é, aquele detalhe que no instante da contemplação algo nelas nos toca profundamente como uma picada, uma ferida, como o acaso que punge e parte da cena como uma flecha e transpassa e sensibiliza, servindo como ponto de atração e que toca profundamente o observador. BARTHES, R. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Essa categorização dos espaços é perfeitamente compreensível, já que a sociedade ocidental historicamente demarcou uma fronteira entre o mundo público e o privado, baseada na oposição entre os gêneros feminino e masculino, fronteira essa que é variável, sinuosa e atravessa até mesmo o micro-espço doméstico (PERROT, 2010: 180).⁸ Tal binarismo sempre esteve e continua presente também na divisão do trabalho ao longo dos tempos, apesar de toda revolução técnica. Do mesmo modo, conforma a constituição dos corpos dos indivíduos, os cuidados, a postura e o *habitus*. Ele também surge nos atos mais simples do cotidiano e existe nos cérebros e nas mentes dos indivíduos, sob a forma de princípios de taxionomias e de classificação que em nossa sociedade se transformam em duplas de adjetivos (BOURDIEU, 1999: 5). É importante salientar que, durante muito tempo, às mulheres foram destinados os ambientes domésticos, as tarefas associadas à reprodução biológica e social da descendência, atividades principalmente maternas, como o cuidado e administração da casa e a educação dos filhos, portanto, referenciadas no universo do privado; aos homens foram reservados os espaços da praça, da rua, o universo do público, onde tem lugar as coisas “sérias”, os assuntos públicos, especialmente os econômicos (BOURDIEU, 1999: 116).

Por outro lado, embora a relação entre ambos os gêneros se estabeleça de forma desigual, visto que o masculino se impôs como dominante, e se configure em uma realidade recorrente, há determinados fenômenos e situações vivenciadas pelos indivíduos que são capazes de alterar significativamente tal *constructo* social. Um bom exemplo são os fluxos migratórios que sacodem estruturas e instâncias de poder. Conforme observou Michele Perrot (1994: 517-522), os movimentos migratórios, como também as viagens turísticas, a prática da filantropia e a participação em greves operárias, foram as maneiras pelas quais as mulheres tentaram “sair”, fisicamente, mas também moralmente, dos espaços e dos papéis sociais que lhes foram destinados e atribuídos.

⁸ O termo gênero é aqui percebido como uma categoria analítica elaborada nos anos 1970, em contraposição ao discurso essencialista e universalista então vigente. Ele traz em si a idéia de que os comportamentos masculino e feminino não são biológicos, naturais, mas sim decorrentes de construções sociais. Recentemente passou-se a utilizar o conceito no plural - gêneros -, uma investida no sentido de pôr fim ao biologismo do termo quando usado no singular - gênero. Cf.: COSTA, S. G. “Gênero e História”. In: ABREU, M.; SOIHET, R. (Org.) *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 187-208; SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”. In: *SOS Corpo: gênero e cidadania*. Tradução: Cristine Rulfino Dabat, Maria Betânia Ávila. 3ª edição. Recife, p. 1-15 fev. 1995.

Tendo em mente que os deslocamentos transnacionais promoveram transformações profundas na vida daqueles que os vivenciaram, o principal interesse aqui é identificar mudanças ocorridas especialmente na vida das mulheres e nos respectivos papéis que exerceram no interior de suas famílias e das comunidades às quais se encontravam inseridas. Mas também analisar em que medida a migração favoreceu a reprodução de costumes tradicionais, reafirmando velhas hierarquias ou, ao contrário, viabilizou práticas e manifestações de resistência e ruptura em relação a padrões estabelecidos socialmente. Eis algumas questões que espero, sinceramente, conseguir abordar adequadamente neste artigo.

Oneta: uma aldeia de donas *da casa*

*Oneta era uma aldeia cheia de donas da casa, de mulheres mandonas. Elas que faziam tudo: deviam fazer as coisas, mandar adiante a família, mandar adiante os campos, cuidar e educar os filhos. Não era só a minha avó não. Havia um grande número de mulheres que tinham os maridos emigrados. Tantas!*⁹

Segundo nos falou Paola Corti (1990: 218), nas primeiras ondas migratórias de grande parte da Península Itálica, quando os homens partiam majoritariamente, a feminização de muitas áreas de partidas foi uma situação muito recorrente, na qual as mulheres possuíam freqüentemente um papel exclusivo. Elas constituíram, de fato, o ponto de apoio e de estabilidade econômica, psicológica e social das famílias, diante da instabilidade do empreendimento migratório, onde eram precárias as atividades e profissões desenvolvidas pelos homens em outros países. Era a agricultura na qual eram empregadas as mulheres, que garantia uma parte da subsistência das famílias, quando os seus componentes masculinos se encontrassem no exterior (RAMELLA, 2001: 151).

Em Oneta não era diferente. Incrustada em uma das montanhas que conformam os Apeninos Toscanos, a aldeia mantinha-se com uma economia caracteristicamente de auto-subsistência, baseada na agricultura, no pastoreio e no extrativismo vegetal, onde predominava a colheita de castanhas; e que se complementava com as rendas geradas e trazidas por seus habitantes, que em ciclos periódicos, saíam para trabalhar em outras localidades. Com a partida constante de trabalhadores, que ocorria no outono, era sobre os ombros das mulheres que recaíam todas as tarefas, desde transportar e triturar as castanhas, arar e preparar a terra, lidar com instrumentos de ferro necessários às

⁹ MICHELI, Maria Grazia, Depoimento, Oneta, 16 out. 2006. LABHOI, UFF Fita 1, lado A.

atividades, até o trabalho com as fibras do cânhamo. Além de assumirem as tarefas ligadas à fabricação de bens necessários à manutenção e reprodução familiar, havia também o cuidado com as crianças, os membros mais velhos da família e a administração da casa (OSTUNI, 2001: 10; BRIGANTI, 1993: 209). Mas muitas mulheres também partiram, temporária ou definitivamente, e freqüentemente o faziam junto com o próprio núcleo familiar e mais raramente sozinhas. Solteiras ou casadas, acompanhadas ou não, na qualidade de esposas, de irmãs, de filhas ou mães, migraram para trabalhar como empregadas domésticas, costureiras, cozinheiras, amas-de-leite, ainda que na fase inicial permanecessem em casa (DADÀ, 2000; GABACCIA, 2000).

Se inicialmente as partidas masculinas eram sazonais e dirigidas a cidades próximas, como Borgo a Mozzano e Lucca; ou um pouco mais distantes como Pisa e Livorno; com o correr do tempo seus habitantes alcançaram nações vizinhas à Itália, como França e Bélgica; e até terras mais distantes, como o Brasil e os Estados Unidos. O que significa dizer que a distância da localidade à qual se encontrava o imigrante era diretamente proporcional ao tempo de afastamento dos familiares que permaneceram em Oneta.

Em função das partidas dos homens, em Oneta tinha início a Temporada das Mulheres. Uma estação que trazia uma carga muito grande de trabalho para todas as mulheres da aldeia, ainda que os homens retornassem para executar os trabalhos mais pesados, como a aragem dos terrenos, o corte do feno e de grãos, e a colheita de castanhas. Era comum as mulheres solicitarem aos seus maridos que voltassem ao menos em maio-junho (entre a primavera e o verão) para “dar uma mão”, pois esse era o momento dos trabalhos mais pesados (ARPEA *apud* DADÀ, 2000: 161). Maria Ponzi, outra depoente, lembrou que essas mulheres eram chamadas de *bersagliere*, isto é, as mulheres-soldados.¹⁰

Alguns dados quantitativos corroboram e fornecem uma dimensão dessa realidade. Em 1850, quando a população de Oneta era composta por 315 habitantes, que conformavam 61 núcleos familiares, 8% (cinco núcleos) eram chefiados por mulheres. Em 1870, em uma população de 300 habitantes, que constituíam 56 grupos familiares,

¹⁰ Adriana Dadà (2000: 161) nos falou que nessas áreas dos Apeninos falava-se também de “mulheres-homens”, uma alusão ao sentido real do termo, isto é, à pesada carga de trabalho que caberia aos homens suportar; mas que, provavelmente, o significado do vocábulo também estivesse relacionado aos encargos e a responsabilidade da função.

21% (12 deles) estavam sob a responsabilidade das mulheres. Em 1884, quando a população de Oneta era de 285 habitantes, que formavam 65 núcleos, 32% (21 grupos familiares) estavam confiados às mulheres.¹¹ Percentuais elevados se considerarmos que entre o período final do século XIX e início do XX, 9% das famílias italianas possuíam seus chefes emigrados; e em regiões ao Sul, esses deslocamentos masculinos chegaram a 22% (CINEL *apud* CORTI, 1990: 217).

Analisando os números, é possível perceber que a partir de 1870, devido ao crescimento das migrações masculinas sazonais e periódicas, o índice de lares chefiados por mulheres quase triplicou em relação às três décadas anteriores e, daí em diante, manteve-se sempre bastante elevado.

Sendo assim, a Temporada das Mulheres era também o momento no qual a aldeia ficava repleta de donas *da casa*, de “mulheres mandonas”, como a elas se referiu Maria Grazia Micheli. Nessa estação, as mulheres adquiriam muita autonomia e liberdade de ação, pois passavam a tomar todas as decisões na ausência dos maridos, pais ou irmãos, enfim, o homem que detivesse a autoridade familiar. Isto porque, ocorria um rearranjo de forças nos núcleos familiares: a função de chefe de família até então ocupada pelos homens deslocava-se para as mulheres. Situação que antes somente se alteraria com a morte do homem que desempenhava a respectiva função, quando era substituído pela sua mulher, viúva. Essa experiência feminina de emancipação foi e continua sendo muito o significativa para os aldeões, já que ao longo de séculos ela vem sendo reconstruída pela memória das mulheres de Oneta, impedindo, assim, que seja esquecida.

Não obstante, como os movimentos migratórios periódicos de Oneta previam o retorno dos homens imigrados, esses instantes igualmente se mostram muito interessantes para se observar a relação de poder entre os gêneros no interior das famílias. É o que nos apresenta o relato de Maria Grazia Micheli, cujo avô foi imigrante nos Estados Unidos e em seguida no Brasil:

Eu, por aquilo que me recordo, que me contaram e também contou a minha mãe, quando o meu avô retornava dos Estados Unidos, não se alterava muito a vida da casa. Meu avô vinha, ficava seis meses ou um ano e depois partia novamente.

¹¹ **Nota dell’Anime della Parrocchia di Oneta**, PSI, a. 1818-1884.

*A minha avó Giustina continuava a cultivar os campos que tinha e, naturalmente, o meu avô a ajudava. Porém, era ela a dona da casa.¹²
Mesmo quando o meu avô estava aqui, quando voltava, continuava a ser ela a dona da casa.
Era ela quem dirigia tudo. Se tivesse necessidade de chamar uma pessoa para fazer um trabalho, era ela quem se preocupava.¹³*

Percebe-se na narrativa que quando o avô emigrava a casa da família era estruturada sob outras bases. Era sua mulher quem cuidava da administração doméstica e dos filhos, da produção agrícola e se responsabilizava pela manutenção do grupo, como tantas outras aldeãs. E quando o marido retornava à aldeia, a casa seguia o seu curso, ou seja, Giustina continuava no desempenho da função de chefe da família, a responsável pelo seu grupo familiar.

Entretanto, o exercício de liberdade das mulheres de Oneta tinha um preço a ser pago. “Condenadas” pela sociedade à maternidade e à casa, devendo submeter-se à autoridade masculina, ao “saírem” de uma dada condição de subordinação, ao transgredirem, implícito estava o vivenciamento de conflitos. Um deles se explicitou em um conselho que Maria Grazia Micheli recebeu certa vez da avó Giustina:

*Quando me casei, uma vez ela me disse: “Esteja bem atenta a isto que lhe digo: se o teu marido diz que vai permanecer distante, tu não deves estar atrás dele, à frente dele. Se ele diz isto, deve ir”.
Ela queria dizer que eu deveria ir junto com meu marido, mesmo se fosse para permanecer longe [de Oneta].
Para ela era pesada esta coisa, o fato de estar aqui e o marido na América. Talvez, para ela, parecia que era uma família incompleta daquela maneira ali, a sua.¹⁴*

Percebe-se claramente o dualismo da situação: se por um lado a experiência encorajava à iniciativa, à tomada de decisão, antes que o marido assim o fizesse; por outro, havia um fardo difícil de carregar, que era o de possuir uma “família incompleta”. Provavelmente, sua angústia estava relacionada ao fato de se sentir realmente uma viúva branca, ou seja, uma mulher que permanecia sozinha na aldeia aguardando o retorno do marido. Mas, também, o seu grupo representava um novo modelo de família, diferente

¹² Dona *da casa* é a tradução que mais se aproxima de “*padrona*”, no sentido que a depoente imprimiu à palavra, ou seja, de uma mulher mandona, que dirigia a casa e exercia a autoridade máxima no núcleo familiar.

¹³ MICHELI, Maria Grazia, Depoimento, Oneta, 16 out. 2006. LABHOI, UFF Fita 1, lado A.

¹⁴ MICHELI, Maria Grazia, Depoimento, Oneta, 16 out. 2006. LABHOI, UFF Fita 1, lado B.

daquele construído socialmente, isto é, a família patriarcal. Por mais habituados que aqueles aldeões estivessem com as idas e vindas de muitos de seus moradores, e por mais que Giustina cumprisse com todas as suas obrigações e incumbências na família e na comunidade, nada disso lhe isentava de ser vista com olhos vigilantes e críticos, e de estar sujeita às duras condenações morais pelos outros membros da comunidade. Tais sentimentos podem ser perfeitamente estendidos para as outras mulheres de Oneta.

N^a. S^a. do Amparo: um povoado de donas *de casa*

Provavelmente, foi por muita paúra de permanecer eternamente como uma viúva branca em Oneta, que Teodora Pellegrini decidiu cruzar o Atlântico acompanhada dos três filhos do casal e reencontrar o marido João Consani em N^a. S^a. do Amparo.¹⁵ Quem reconstruiu e narrou este momento foi Laís Consani Scarpa, sua neta:

O meu avô veio para o Brasil. Ele disse que ia trabalhar para mandar dinheiro logo, para ela vir, porque ela estava grávida e já tinha meu pai. Tinha a tia Maria, a mais velha; e a tia Niba. Já tinha três filhos. “Ele não escreveu uma carta”. Minha avó estava aflita por isso [...], passou um mês, dois meses e nada. [...] Como ela tinha uns badulaquinhos lá, umas mobilinhas, ela vendeu tudo. Tudo que pôde vender, vendeu. Disse que dormia no chão, mas vendeu tudo que achou comprador. [...] Minha avó arranhou dinheiro e disse: “Agora sou eu que vou”. Ela comprou as passagens e tomou o navio.¹⁶

Em 1891 o núcleo familiar se reuniu em N^a. S^a. do Amparo. Segundo Laís, seu avô logo que chegou ao Brasil trabalhou como mascate e, ao acumular algumas economias, tornou-se proprietário de um pequeno estabelecimento comercial, um armazém.¹⁷

Na verdade, Oneta e Amparo já se encontravam conectadas desde aproximadamente os anos 1870. Além de João, outros aldeões também emigraram e se estabeleceram na localidade fluminense, onde trabalharam como vendedores

¹⁵ Passaporte. Processo de Naturalização n. 029.249/44, p. 26. Chefia de Polícia do Estado de Minas Gerais, Arquivo Nacional, ano 1944. De agora em diante AN, a. 1944.

¹⁶ SCARPA, Laís Consani. Depoimento, Niterói, 20 out. 2001. LABHOI, UFF, Fita 2, lado A. Muito embora a depoente tenha mencionado essa gravidez de sua avó, esse bebê provavelmente faleceu, pois no Brasil nasceram Adelaide, em 1897, ou seja, seis anos após a chegada do grupo familiar, e Galileu, em 1901, ambos em N^a. S^a. do Amparo.

¹⁷ SCARPA, Laís Consani. Depoimento, Niterói, 20 out. 2001. LABHOI, UFF, Fita 2, lado A. A família se transferiu para Passa Quatro, para a Casa do Sobrado, no início do século XX.

ambulantes, caixeiros-viajantes e pequenos comerciantes. Vieram seguindo uma cadeia migratória de trabalho, isto é, um mecanismo migratório no qual os futuros migrantes ainda em seus locais de origem tomam conhecimento de oportunidades, organizam-se e obtêm os meios para o transporte e, no novo país, conseguem a instalação inicial e emprego, por meio de relações sociais primárias com emigrantes anteriores (MACDONALD; MACDONALD *apud* DEVOTO, 1987: 355). Desse modo, redes sociais montadas na nova localidade recebem os recém-chegados, garantindo um local de moradia, a inserção no mercado de trabalho e o apoio de parentes e amigos que já se encontram instalados.

Claro está que pensar os deslocamentos de indivíduos a partir da noção de cadeia migratória, é uma opção por uma abordagem que utiliza uma escala reduzida de análise – os indivíduos, seus grupos e as comunidades às quais integravam –, percebendo que os emigrantes possuíam seus projetos, fizeram escolhas e se mobilizaram para concretizá-los; em contraposição aos movimentos baseados em sistemas impessoais de recrutamento e assistência aos imigrantes. Dessa maneira, a narrativa de Laís sobre a avó que “vendeu tudo que achou comprador, arranjou dinheiro, comprou as passagens e tomou o navio”, ganha sentido. É possível pensar que realmente os indivíduos moviam mundos e fundos para emigrar, e ainda, quando a emigração dava sinais de que se tornaria permanente, como foi o caso dos Pellegrini-Consani, provavelmente os familiares se reuniam para promover a união do núcleo no exterior.

Em N^a. S^a. do Amparo, João, Teodora e os filhos residiram em um casarão que serviu simultaneamente como residência e sede da pequena casa de comércio da família,¹⁸ mas do imóvel não há sequer uma única fotografia, um artefato não acessível àquelas pessoas nos primeiros tempos de Brasil.

Os Pellegrini-Consani, ainda que vivendo de uma outra atividade – do comércio – mantiveram o mesmo modo como trabalhavam na antiga aldeia. Isto é, todos os membros da família possuíam suas respectivas tarefas que garantiam o funcionamento do armazém. Assim, reproduziram as habituais formas de produção familiar de uma sociedade tradicional, na qual a família é uma empresa e todos os seus membros trabalham e zelam pela sua prosperidade. Ainda que existisse uma divisão acentuada de papéis sociais e tarefas, havia uma certa fluidez das atividades, tanto, que os trabalhos

¹⁸ SCARPA, Laís Consani. Depoimento, Niterói, 20 out. 2001. LABHOI, UFF, Fita 2, lado B.

domésticos não eram privilégio exclusivo das mulheres, e os homens podiam executá-los; a preparação de certos alimentos ficava a cargo deles, por exemplo (PERROT, 2010: 189).

Enquanto João trabalhava no balcão e cuidava da administração do armazém, o filho mais velho, José, quando o pai necessitava se ausentar, era quem o substituíva. Tempos depois passou a contar com a ajuda do filho caçula, Galileu.¹⁹ Entre as filhas, Sofonisba, que chegou a N^a. S^a do Amparo ainda nos braços de Teodora, também possuía suas obrigações. Com seus “doze anos já costurava, fazia camisa para o vovô vender na loja,” principalmente para o “povo de roça”, lembrou Emília, também neta de Teodora.²⁰ E ao longo da vida, enquanto solteira, continuou a coser calças compridas, embornais, chapéus, panos de prato, tudo para ser comercializado no armazém do pai.

Laís Consani narrou que sua avó Teodora em N^a. S^a. do Amparo

trabalhava dia e noite. Não sei como é que a mulher aguentava. Dormia uma hora, duas, três horas. Pois ela fazia todo o serviço: lavava as roupas, cozinhava, cinco filhos e tinha ainda o marido, que era rigoroso, queria tudo muito arrumado.

O que meu avô fez lá em Amparo, ele deve tudo a ela. Trabalhava feito uma danada. Ela que abria o capado [o porco], mas às vezes ia aberto em [...] duas metades [...], com aqueles miúdos, aquelas [coisas] todas, ia tudo junto. Então ela cuidava daquilo tudo e passava noites e noites em claro fazendo lingüiça, lavando tripas. É, lavava até as tripas para encher a lingüiça. Então, eu sei que era ela quem fazia: salgava, cortava direitinho os quilinhos.²¹

É importante observar que em seu relato a depoente classificou o trabalho da avó como múltiplo, árduo, exaustivo, mas muitíssimo importante para a manutenção e estabilização do grupo; como também reconheceu o valor econômico de sua participação para o sucesso do marido. Além do trabalho doméstico, que incluía a organização e os afazeres da casa, como também o cuidar dos filhos, a avó preparava alimentos para serem disponibilizados no armazém, beneficiando a carne suína e preparando os embutidos. Uma atividade que lhe era muito familiar, pois em Oneta era praticada coletivamente pelas camponesas, quando preparavam a carne para o consumo

¹⁹ SCARPA, Laís Consani. Depoimento, Niterói, 27 out. 2001. LABHOI, UFF, Fita 4, lado B.

²⁰ ALMEIDA, Emília Bonanni de. Depoimento, Mogi das Cruzes, 14 set. 2002. LABHOI, UFF, Fita 11, lado A.

²¹ SCARPA, Laís Consani. Depoimento, Niterói, 20 out. 2001. LABHOI, UFF, Fita 2, lado B; e 27 out. 2001. Fita 3, lado A.

doméstico. No Brasil era com esse trabalho que Teodora participava do orçamento familiar.

De uma forma geral, as imigrantes italianas casadas trabalharam para compor a renda doméstica. Foram costureiras, lavadeiras e cozinheiras que ofereciam refeições, sempre no espaço de suas próprias residências (GOMES, 2000: 81-82; BIANCHI, 2001: 270). Para Teodora e para tantas outras mulheres, a casa era o lugar da família e do trabalho, concomitantemente.

No entanto, mesmo as mulheres se ocupando de atividades necessárias e contribuindo efetivamente com o orçamento familiar, sempre viram seus esforços minimizados e desconsiderados. Por um lado, como as ocupações por elas exercidas serem desempenhadas em suas casas, no mundo doméstico, eram percebidas como subordinadas às atividades de produção desenvolvidas para o universo público, portanto, masculino, o que confere “invisibilidade” aos trabalhos femininos (BOURDIEU, 1999).

Por outro, em decorrência de uma “naturalização” em nossa sociedade da supremacia do gênero masculino sobre o feminino, mesmo quando algumas atividades e profissões conseguem ultrapassar a fronteira entre a esfera do privado, pertencente ao mundo feminino, e alcançar o mundo do público, que compõem o universo masculino, ainda assim essas atividades são subvalorizadas. Nesse sentido, conforme observou Pierre Bourdieu (1999: 116), além da “invisibilidade” construída em relação ao trabalho das mulheres, algumas tarefas são consideradas nobres e difíceis quando realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por mulheres. Isto nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e uma cozinheira, entre o costureiro e a costureira. O que nos leva a sustentar que “o lugar das mulheres na vida social-humana não é diretamente o produto do que ela faz, mas do sentido que as suas atividades adquirem através da interação social concreta” (ROSALDO *apud* SCOTT, 1995: 10).

Certamente, fruto da introjeção de tal construção social sexista, Emília, em seu depoimento, ao descrever as atividades exercidas por sua tia Maria Consani, disse que:

*naquele tempo não usava mulher trabalhar fora de casa, mas ela 'dava uma mão' no armazém, fazia todo o serviço da casa e também trabalhos manuais, como bordados.*²²

Ou seja, a depoente acabou por demonstrar que mesmo sua tia desempenhando uma pluralidade de atividades e trabalhando no negócio da família, tudo isto não diminuía a sua subalternidade. Muito embora Maria trabalhasse no armazém, sua atividade era considerada auxiliar. É inegável que se trata de um caso típico de um princípio afirmado e praticado no plano simbólico mais do que a realidade vivenciada cotidianamente pelas mulheres.

Concluindo ou Mulheres treinando voos

Após a reconstrução da trajetória migratória de Teodora focando as atividades laborais que desenvolveu e os papéis sociais que exerceu no interior de sua família, trajetória essa que pode ser considerada representativa de idênticas experiências vivenciadas por muitas outras mulheres, algumas questões podem ser pensadas.

Do lado de lá do oceano Teodora integrava uma sociedade tradicional e campesina – que primava pela vida em comunidade, onde prevaleciam a solidariedade, a mutualidade e a reciprocidade entre parentes e vizinhos. Sociedade que era constituída por grupos familiares extensos e nos quais as mulheres exerciam a função de donas *da* casa, em conseqüência da ausência masculina devido ao êxodo sazonal ou temporário. Já do lado de cá, Teodora se inseriu em localidades urbanas – nas quais as relações interpessoais eram extremamente seletivas, pois restritas aos parentes e compatriotas. No Brasil os grupos familiares passaram a ser nucleares, além do fato de que ganharam uma outra configuração de poder: a função de chefe de família passou a ser desempenhada pelos homens. Ou seja, Teodora, como igualmente sua filha Maria e tantas outras mulheres, eram donas *de* casa e não mais exerciam a autoridade familiar.

Contudo, essa dona *de* casa das áreas urbanas foi uma mulher importante e relativamente nova em meados do Oitocentos. Sua importância esteve ligada à da família, suas múltiplas missões, entre as quais a gestão da vida cotidiana. Sua inovação relacionou-se a sua dedicação quase exclusiva aos “trabalhos domésticos”. Com a implantação do processo de industrialização, ocorreu a intensificação da divisão do

²² ALMEIDA, Emília Bonanni de. Depoimento, Mogi das Cruzes, 14 set. 2002. LABHOI, UFF, Fita 11, lado A.

trabalho e a conseqüente separação dos locais de produção e consumo, quando o homem assumiu o primeiro e a mulher o segundo. Ou seja, o homem na fábrica e a mulher em casa, ocupando-se do mundo doméstico (PERROT, 2010: 189).

Em função de tais mudanças, essa dona *de casa* herdou as funções que até então pertenciam aos homens, os “donos *de casa*”, já que na sociedade tradicional eles eram os chefes do espaço doméstico. Com a chegada do Oitocentos o espaço privado familiar passou a ser predominantemente feminino sendo as mulheres retiradas do espaço público. Porém, não nos iludamos, pois “nem todo o privado é feminino. Na família o poder principal continuou a ser o do pai, de direito e de fato”, conforme ressaltou Michelle Perrot (2010: 180). Ou seja, a autoridade familiar era prerrogativa masculina.

Por fim, a mais importante e reveladora constatação ao se acompanhar a história de vida de Teodora é a percepção do quão as mulheres de Oneta gozaram de autonomia, foram protagonistas ativas nos grandes fluxos de massa, tanto quando permaneceram, como quando partiram da aldeia natal. E ainda, o quanto transitaram entre o espaço privado e o espaço público. Muito embora para Teodora e outras camponesas a integração em ambientes urbanos tenha significado uma situação de retrocesso, no que se relacionou ao exercício do poder no interior de suas famílias. Nesses casos, a migração significou uma redução do grau de liberdade e independência, comparativamente às posições e *status* que ocupavam anteriormente em suas aldeias de origem. Porém, isto não minimiza as oportunidades criadas e agarradas por essas mulheres para o exercício de liberdade, momentos de livre-arbítrio que elas projetaram e souberam deles se apoderar. Nesses instantes, períodos e mesmo existências, o poder masculino foi suplantado e representou muito mais um “mito” do que uma realidade concreta. Mas, vale ressaltar, sobretudo, que durante essas experiências libertárias as mulheres imigrantes italianas necessitaram correr muitos riscos, além de uma dose desmedida de coragem.

Bibliografia

Fontes Primárias

PARROCCHIA DI SANTO ILARIO - Oneta, Borgo a Mozzano (Itália)

- Nota dell' Anime della Parrocchia di Oneta, anni 1818 a 1884.

2. Entrevistas

ALMEIDA, Emília Bonanni de. (Depoimento, Mogi das Cruzes, 2002). Niterói, UFF/LABHOI. Fita 11 e 12.

MICHELI, Maria Grazia. (Depoimento, Oneta, 2006). Niterói, UFF/LABHOI. Fita, 1, 2 e 3.

SCARPA, Laís Consani. (Depoimento, Niterói, 2001). Niterói, UFF/LABHOI. Fita 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Fontes Secundárias

ALENCASTRO, L. F.; RENAUX, M. L. “Caras e modos dos migrantes e imigrantes”. In: _____. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2, p. 292-335.

ALVIM, Z. “Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo”. In: SEVCENKO, N. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3, p. 215-287.

BARTHES, R. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BIANCHI, B. “Lavoro ed emigrazione femminile (1890-1915)”. In: BEVILACQUA, P.; DE CLEMENTI, A.; FRANZINA (a cura di). *Storia dell'emigrazione italiana: partenze*. Roma: Donzelli Editore, 2001. p. 257-274.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRIGANTI, L. BRIGANTI, L. “La Lucchesia e il Brasile: storia di emigranti, agenti e autorità”. Documenti e Studi: semestrale dell'Istituto Storico della Resistenza e dell'Età Contemporanea in provincia di Lucca, Lucca, n. 14-15, p. 161-220, 1993.

_____. “Percorsi di toscani in Brasile tra '800 e '900: stati di Rio de Janeiro, Minas Gerais ed Espírito Santo”. In: REGINATO, M. (a cura di). *Dal Piemonte allo stato di Espírito Santo: aspetti della emigrazione italiana in Brasile tra ottocento e novecento*. Atti del Seminario Internazionale. Torino, 22-23 set. 1995. p. 259-285.

CORTI, P. _____. “Donne che vanno, donne che restano. Emigrazione e comportamenti femminili”. *Annali Cervi*, 12, p. 213-235, 1990.

DADÀ, A. “Uomini e strade dell'emigrazione dall'Appennino Toscano”. In: ALBERA, D.; CORTI, P. (a cura di). *La montagna mediterranea: una fabbrica d'uomini? Mobilità e migrazioni in una prospettiva comparata (secoli XV-XX)*. Torino: Gribaud, Cavallermaggiore, 2000. p. 153-164.

DEVOTO, F. J. “Las cadenas migratorias italianas: algunas reflexiones a luz del caso argentino”. *Studi Emigrazione*, XXIV, 87, p. 355-373, 1987.

GABACCIA, D. R. *Emigranti*. Le diaspore degli italiani dal Medioevo a oggi. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2000.

GOMES, A. de C. _____. (Org.) *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

LE GOFF, J. “Documento/Monumento. In: LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 535-549.

PEREIRA, S. M. *Mulheres imigrantes italianas e suas “caixinhas de lembranças”*: memória e identidade delimitando a fronteira étnica e construindo identidades (1889-1948). 2003. Dissertação (Mestrado) - ICHS, UFRRJ, Niterói. 110 p.

_____. PEREIRA, S. M. *Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres*. Niterói, UFF, ICHF, tese de doutorado, ago., 2008.

ORTOLEVA, P. “Una fonte difficile. La fotografia e la storia dell’emigrazione”. *Altreitalie*, n. 5, a. III, p. 121-157, aprile 1991.

OSTUNI, M. R. “Dalla Valle del Serchio all’America: ‘perche andiedi’”. In: OSTUNI, M. R. et. al. (a cura di) “*Il perche andiedi in America...*”. Immagini dell’emigrazione lucchese. La Valle del Serchio. Archivio Paolo Cresci per la storia dell’emigrazione italiana. Lucca: Maria Pacini Fazzi Editore, 2001.

PERROT, M. “Sair”. In: FRAISSE, G.; PERROT, M. *A história das mulheres no Ocidente. O século XIX..* Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994, p. 503-539.

_____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

RAMELLA, F. “Reti sociali, famiglie e strategie migratorie”. In: BEVILACQUA, P.; DE CLEMENTI, A.; FRANZINA (a cura di). *Storia dell’emigrazione italiana: partenze*. Roma: Donzelli Editore, 2001. p. 143-160.

SCOTT, “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”. *SOS Corpo: gênero e cidadania*. Tradução: Cristine Rulfinio Dabat, Maria Betânia Ávila. 3ª edição. Recife, p. 1-15 fev. 1995.

TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.